

## QUARESMA

### TEMPO DE RENOVAÇÃO, DE ENCONTRO E ESPERANÇA

1. «Nínive era uma cidade muito grande. Levava três dias a atravessar», lê-se no Livro de Jonas 3,3. Lembro, por motivos que adiante se verão melhor, que o nome «Jonas», hebraico *yônah*, significa «pomba». Há muita coisa fecunda e bela na novela de Jonas. Mas o que adquire maior relevância é o facto de Deus se intrometer no quotidiano de Jonas. A história começa com Deus a dizer a Jonas: «Levanta-te e vai a Nínive, a grande cidade, e anuncia contra ela que a sua maldade chegou até mim» (Jn 1,2). Todos sabemos que Jonas se dirigiu ao porto de Jafa, comprou um bilhete, e embarcou para ocidente, na direção oposta à indicada por Deus (Jn 1,3). Também todos sabemos que Jonas acabou por ser lançado ao mar (Jn 1,15) e engolido por uma baleia (Jn 2,1), que o foi, por assim dizer, despejar à entrada de Nínive (Jn 2,11).

2. Nínive levava três dias a atravessar. A Quaresma leva quarenta dias a atravessar. Quero dizer: a Quaresma leva a vida inteira a atravessar, pois quarenta dias são quarenta anos, que é, biblicamente falando, o tempo de uma geração. Como os quarenta anos de passos perdidos no deserto pela geração saída do Egito, que morre no deserto (cf. Nm 14,32.35; Dt 1,35), e não entra na Terra Prometida. Quarenta anos no deserto, um ano por cada um dos quarenta dias de exploração da Terra Prometida, diz Deus no Livro dos Números (Nm 14,34). Entrarão nela as vossas crianças pequenas (Nm 14,31; Dt 1,39). Quarenta dias, quarenta anos, transporta consigo o carácter decisivo do tempo e do modo de viver com Deus por perto. São assim os quarenta dias do Dilúvio (cf. Gn 7,12), os quarenta dias de Moisés no monte Sinai (cf. Ex 24,18; 34,28), os quarenta dias de Elias no deserto (1 Rs 19,8), os quarenta dias de Jesus nas tentações ou provas no deserto (Lc 4,1-2). Não se trata, porém, de uma viagem transitiva, que nos leva por estradas e por mapas, atravessando fronteiras e países. Trata-se de uma viagem intransitiva, a viagem da nossa vida, que nos leva a percorrer atentamente os caminhos sinuosos e poeirentos do nosso coração, em ordem a dele removermos mato e silvas, pedras e entulho, murmurações, mentiras, ódios e violências, e a instalar nele um novo *software*, que pode dar pelo nome de amor, compaixão, paz, confiança, simplicidade, verdade.

3. Quarenta dias (Gn 7,4.12.17) demoraram as águas do Dilúvio a transportar a «arca» de Noé (Gn 6,14) da velha para a nova criação. A bela história bíblica diz que aquela «arca» foi cuidadosamente preparada, calafetada com betume, e carinhosamente fechada, por fora, pela mão de Deus (Gn 7,16), e dá a viagem por terminada quando uma pomba, animal manso e dócil, saída da mão

de Noé (Gn 8,10), regressa à «arca» com um ramo novo de oliveira no bico (Gn 8,11). Viagem intransitiva, programada por Deus, da velha criação até à nova e tenra e bela criação!

4. Reparai agora por momentos, irmãos e irmãs, naquele «cestinho», calafetado com betume, com um bebé dentro, que *Yôcabed*, mãe de Moisés, por entre lágrimas, lançou no Rio Nilo. Prestai atenção. Toda a gente vê que é um «cestinho» de bebé, que leva dentro a vida nova, bela e tenra de um bebé. Um bebé é o que há de mais frágil e vulnerável. Mas é quanto basta para derrubar a fortaleza do coração do Faraó e desenhar páginas novas de espanto, de esperança e de liberdade! Continuai atentos. Este «cestinho» de bebé, que leva Moisés dentro, diz-se, no texto hebraico do Livro do Êxodo, *tebah* (Ex 2,3). Impõe-se então uma pergunta: terá este «cestinho» de bebé, que leva Moisés Nilo abaixo, alguma coisa a ver com a «arca» de Noé, que atravessa as águas do Dilúvio? É, na realidade, espantoso, mas a «arca» de Noé também se diz, no texto hebraico, *tebah* (Gn 6,14). Também é um «cestinho» de bebé. São, de resto, os únicos dois lugares no texto da Bíblia hebraica onde aparece a palavra *tebah*.

5. Quarenta dias de dilúvio, com um «cestinho» de bebé à flor das águas, a pomba que regressa com um ramo novo de oliveira no bico. O «cestinho» de bebé, de Moisés, à flor do Nilo, e o rebento novo da liberdade ali à mão. Mas será, irmãos e irmãs, que não conseguimos ver aqui, na água, no «cestinho» e no bebé, a novidade e a beleza da figura do Batismo, da vida nova, tenra e bela que sai das águas? É aqui, irmãos e irmãs, que vos convido a regressar a Jonas. Despejado em Nínive da maneira que já sabeis, Jonas começou a anunciar, por ordem de Deus: «Ainda quarenta dias, e Nínive será destruída!» (Jn 3,4). Aqui estão outra vez os «quarenta dias», as quarenta semanas da gestação de um bebé, os quarenta anos do deserto, o tempo e o modo da nossa vida inteira. Já todos sabemos que os habitantes de Nínive levaram a sério as palavras de Jonas, e, desde o Rei até ao último dos seus súbditos, incluindo também os animais, mudaram todas as pautas da vida. E Deus não destruiu a cidade.

6. Jonas, esse, cumpridos os serviços mínimos da missão do anúncio [«Ainda quarenta dias, e Nínive será destruída!»], saiu da cidade, e foi sentar-se numa colina, fora da cidade, para ver o que ia acontecer à cidade (Jn 4,5). Escusado será dizer que Jonas ficou muito pesaroso e desiludido, à beirinha da morte (Jn 4,1.3), quando percebeu que a cidade não ia ser destruída, porque, afinal, Deus também amava, com ternura paternal e maternal, o povo daquela cidade (Jn 4,2). Mas, diz-nos o belo texto, que Deus deu um reбуçado a Jonas para aliviar a sua tristeza de morte. Fez crescer num instante um *qîqayôn*, um pequeno arbusto de folhas largas, para proteger Jonas do sol escaldante. E Jonas ficou muito contente. Mas, no dia seguinte, o pequeno arbusto secou, e Jonas ficou furioso e desanimado, e entrou de novo numa tristeza de morte (Jn 4,6-8).

7. É então que intervém novamente Deus, agora para perguntar a Jonas: «“É justo que te aborreças por causa do pequeno arbusto?”». E Jonas respondeu com sustenido: “É justo que me aborreça até à morte”. Então Deus disse: “Tu condóis-te por um arbusto (*qîqayôn*), pelo qual não trabalhaste e que não fizeste crescer, que em uma noite nasceu e em uma noite morreu. E Eu não havia de me condoer por Nínive, a grande cidade, em que habitam mais de 120 mil crianças que não sabem distinguir entre a direita a esquerda, além de muitos animais?”» (Jn 4,9-11). Reclamo aqui, outra vez, irmãos e irmãs, a vossa atenção. E lembro que não podemos deixar de associar a pomba do dilúvio com o ramo novo de oliveira no bico, que Noé soube ler, e Jonas, a pomba, e o arbusto novo, de um dia, que Jonas não soube ler.

8. A nossa vida, a minha e a tua, meu irmão e minha irmã, que Deus nos dá por puro amor, é como um ramo novo de oliveira ou de amendoeira ou como o *qîqayôn*, o pequeno arbusto de um dia. Deixa-o viver, assim belo, assim frágil, assim tenro. Ainda quarenta dias para passares, uma a uma, as folhas do teu coração, para mudares a tua vida. Da rigidez para a atenção delicada aos outros. Da indiferença para a ternura. Da banalidade insensível para a beleza divina do rosto de quem vem ao nosso encontro. Não te esqueças. Esta é a viagem da tua vida.

9. Reparai bem nesta confissão de um homem sábio e justo<sup>1</sup>. «Um dia, depois de uma manhã de exaltação “religiosa”, recebi a visita de um jovem desconhecido. Reconheço que não pus todo o meu empenho naquele encontro. Mas o meu acolhimento não foi menos caloroso, nem tão-pouco tratei aquele jovem de forma mais negligente do que faço a respeito de outros jovens que àquela hora costumam vir consultar-me. Ocupei-me com aquele jovem com atenção e franqueza, mas confesso que não estive suficientemente atento de modo a intuir as perguntas que ele não fazia. Destas perguntas, vim a ter conhecimento pouco tempo depois, através de um dos seus amigos. Fiquei assim a saber que aquele jovem não tinha vindo ter comigo por acaso, mas enviado por Deus, não para uma conversa de ocasião, mas para uma decisão. Foi assim que veio ao meu encontro, exatamente naquele dia, naquela hora. O que é que esperamos quando estamos desesperados, mas procuramos na mesma uma pessoa? Provavelmente uma presença através da qual nos seja dito que, não obstante tudo, existe o sentido da vida».

10. Sim, por que é que aquele jovem, naquele dia, naquela hora, me procurou? Certamente porque esperava de mim que fosse capaz de entender a sua busca de sentido, que eu fosse capaz de lhe entregar um ramo novo de oliveira ou de amendoeira ou aquele pequeno arbusto que dá sombra e amor, que o fizesse

---

<sup>1</sup> Martin BUBER, *Incontro. Frammenti autobiografici*, Roma, Città Nuova, 2.<sup>a</sup> ed., 1998, p. 74.

embarcar naquela «cestinha» de bebé, que atravessa durante «quarenta dias» as águas do Dilúvio e do Nilo e de Nínive e do deserto, e nos põe a salvo, nas mãos de Deus.

12. Mais ainda: por que razão vem Deus abrir o seu coração com Jonas, ou com Moisés, ou com os profetas, ou comigo ou contigo, dizendo-nos que aquela sociedade, que esta sociedade caminha para a ruína? Sim, por que razão? Não será para nos levar a sair da nossa indiferença, e nos tornar mais atentos e responsáveis pela nossa vida e pela vida dos nossos irmãos? E não será ainda para que nos tornemos mais atentos ao próprio Deus, que nos está a pedir, de forma maravilhosa, que nos interponhamos entre Ele e os nossos irmãos, para que a porta do sentido da vida nunca seja fechada, mas se mantenha sempre entreaberta (*baperets*), como fez Moisés para salvar o seu povo da ruína? (cf. Sl 106,23 que lê Ex 32,9-11)<sup>2</sup>.

13. Contemplai outra vez, irmãos e irmãs, aquele «cestinho» de bebé que atravessava as águas do dilúvio, «quarenta dias» de viagem, para fazer passar a humanidade e a inteira criação do pecado para a graça, da margem antiga para a margem nova, mansa, tenra e terna, à imagem daquela pomba mansa que, sobrevoando as águas, trazia no bico um ramo novo de oliveira. Na margem antiga ficava a desgraça; à margem nova aportava a graça. Na margem antiga ficava o cheiro a enxofre e a terra queimada. Como quando nós, nos nossos campos, queimamos os ramos secos das videiras acabadas de podar, o mato e as silvas, as ervas daninhas e o lixo que só estorvam e ocupam inutilmente o terreno em que queremos lançar novas sementes e ver nascer novos rebentos, flores e frutos. Na margem antiga fica, pois, um cheiro a terra queimada, enquanto que, na margem nova, se respira o aroma da terra lavrada ou, quem sabe, um aroma a céu acabado de lavar!

14. Como esta viagem, irmãos e irmãs, é semelhante à nossa viagem da Quaresma, em que também nós, sob o olhar atento e carinhoso de Deus, vamos passando a nossa vida de cá para lá, de uma margem para a outra margem, do pecado para a graça, da dureza do coração empedrado e empedernido, com as velas encharcadas, e embotado de indiferença e desafeição, para a brandura de um coração de carne, atento, sensível e fraterno!

15. Claro que a travessia daquele «cestinho» de bebé, que levava a bordo um mundo novo, se fazia sob o olhar atento e carinhoso de Deus. Em tudo semelhante àquele «cestinho» de bebé que transportava Moisés através das águas e por entre os juncos do Rio Nilo, sob o olhar atento e maternal da sua mãe e,

---

<sup>2</sup> B. RENAUD, *L'Alliance, un mystère de miséricorde. Une lecture de Ex 32-34*, Paris, Cerf, 1998, p. 15-16.225.246.305.

significativamente, também da sua irmã. Importante notar o olhar atento, próximo e vigilante desta irmã inominada.

16. Aí está, meus irmãos e irmãs, como a Quaresma deve ser também o tempo dos irmãos e das irmãs, o tempo novo do aroma da fraternidade. Saber e sentir que a nossa vida está sob o olhar paternal e maternal de Deus é importante e decisivo. É abissal a diferença entre quem acredita em Deus, um Deus pessoal, e à sua providência se abandona, e quem não acredita em Deus, e apenas presente que anda por aqui, não por graça, mas por um acaso qualquer. Mas é igualmente belo saber e sentir que também os nossos irmãos e irmãs velam por nós, e que formamos uma família verdadeira. Como é bom e belo sentirmos outra mão na nossa mão. E outra mão, e outra mão e outra mão. É assim que rezamos o Salmo ou que o Salmo reza em nós: «Como é bom, com é belo, viverem os irmãos em comunhão!» (Sl 133,1).

17. Experimentar a graça da fraternidade e construir a ponte da fraternidade, de modo a chegarmos ao coração deste mundo indiferente e insensível, sem pai, sem mãe e sem irmãos, parece-me ser a nossa mais urgente missão. É pelo caminho da fraternidade e da proximidade, meus irmãos e irmãs, que esta humanidade indiferente e insensível, sem pai, sem mãe e sem irmãos, poderá chegar também a Deus. É pela minha mão e pela tua mão, estendida, aberta e fraterna e sempre disponível, que esta humanidade poderá sair da estrada poeirenta do acaso, da lareira já sem lume, só com cinzas, e poderá sentar-se à mesa da graça da casa de Deus, para juntos saborearmos o pão quente ainda a sair do forno, o vinho generoso, as carnes gordas (Is 25,6), o óleo perfumado da alegria e da amizade.

18. Escuta bem, meu irmão, minha irmã: esta humanidade indiferente e só, sem pai e sem mãe, não chegará a Deus senão pela minha mão e pela tua mão, pela nossa mão. Sim, a humanidade desta geração sem pai e sem mãe e sem Deus, que tranquilamente declarou a morte de Deus e a «noite do mundo», e que vive, portanto, na mais radical orfandade e escuridão, só será conquistada pela tua mão de irmão, e só por esse caminho, pelo caminho da tua mão de irmão, chegará a saborear a graça da filiação, da adoção filial.

19. Em termos práticos, as coisas processam-se assim: o meu amigo não-crente vem ter comigo; ou, então, sou eu que vou ao encontro do meu amigo não-crente. O meu amigo não-crente acredita em mim, confia em mim. É então a minha vez de lhe fazer ver que, se acredita em mim, se confia em mim, então também, de algum modo, já está, saiba-o ou não, a acreditar em Deus, a confiar em Deus, uma vez que é constitutivo da minha vida acreditar em Deus, confiar em Deus, viver com Deus.

20. A nossa missão mais urgente, irmãos e irmãs, é então atravessar este mar de indiferença e de solidão e de escuridão, e ir ao encontro de cada ser humano, pegando-lhe na mão com carinho, e fazendo vibrar as cordas do seu coração. Sim, irmãos e irmãs, neste mar imenso de indiferença, solidão, escuridão e orfandade, há muitos corações já sem corda, sem luz, sem amor, sem esperança, sem Deus, sem Jesus. Por isso, é urgente a missão da fraternidade e da proximidade. É esse o caminho para levar cada ser humano a compreender que é também filho de Deus. Para isso, insisto, tu tens de te aproximar de cada ser humano, até ao ponto de te fazeres seu irmão, até ao ponto de ele te sentir como irmão. Foi, de resto, o que fez Jesus por cada um de nós, com cada um de nós, descendo ao nosso nível, fazendo-se nosso irmão, pegando-nos na mão, lavando-nos o coração.

21. No meio das poeiras do deserto, o povo atira para o ar a pergunta: «Está o Senhor no meio de nós, ou não?» (Ex 17,7). No meio das murmurações do deserto, Moisés adverte o povo que está a agir por conta própria, de forma independente e autorreferencial, e afirma: «O Senhor não está no meio de vós» (Nm 14,42), «o Senhor não está convosco» (Nm 14,43). No meio de uma seca generalizada, Jeremias levanta o seu grito no meio da praça, e reza: «Tu estás no meio de nós, Senhor» (Jr 14,9). E Zacarias desenha uma corrida dos povos a Jerusalém, à procura de Deus, e afirma: «Naqueles dias, dez homens de todas as línguas das nações agarrarão um Judeu pela orla do manto, e dirão: “Nós vamos contigo, porque ouvimos dizer que Deus está convosco!”» (Zc 8,23). Sabia bem isto aquela pobre mulher que sofria de um fluxo de sangue e veio às escondidas tocar na orla do manto de Jesus (Lc 8,43). E S. Paulo remata com rigorosa precisão: «Se Deus está connosco, quem estará contra nós?» (Rm 8,31).

22. Voltamos àquele homem sábio e justo<sup>3</sup>. Foi convidado a fazer três conferências em três noites seguidas numa cidade industrial e universitária da Alemanha (Jena). O auditório era composto na sua maioria por operários, mas também por jovens universitários. O tema das conferências era «Religião como realidade». No final de cada sessão, havia sempre muitas perguntas, mas, confessa o orador, os operários, que estavam em maior número, ficavam sempre calados, embora eu tivesse reparado que entre eles havia um, que já não era jovem, que chamava a minha atenção, porque escutava como alguém que quer verdadeiramente compreender. No final da última sessão e da discussão que se lhe seguiu, um jovem operário veio ter comigo e disse-me: «Sabe, aqui, neste ambiente, nós não nos sentimos à vontade para falar, mas se amanhã estivesse disposto a estar connosco, nós gostaríamos de falar consigo». Claro que aceitei. O dia seguinte era domingo. Estive com eles desde o princípio da tarde até à noite. Houve muitas perguntas. Por fim, finalmente, falou também o operário mais

---

<sup>3</sup> Seguimos de perto Martin BUBER, *Incontro*, p. 97.



velho, e disse com muita calma e convicção uma frase que Laplace terá dito a Napoleão: «Não tive necessidade da hipótese “Deus” para me orientar e explicar o mundo». Esta frase breve daquele homem tocou-me muito, e senti-me desafiado em profundidade, mais do que por todas as outras perguntas. Na minha resposta, tentei mostrar a fragilidade e a radical insegurança deste mundo, que não se sustenta a si mesmo, pois neste mundo sujeito às leis férreas da natureza, tudo o que nasce, cresce, envelhece, fenece, desaparece e esquece... Quando terminei, ficou um silêncio pesado na sala. Por fim, o homem disse com convicção: «Você tem razão». O que é que eu tinha feito? Tinha apenas conduzido aquele homem até ao limiar daquele que Blaise Pascal chama o Deus dos filósofos. Era esta a resposta que eu queria dar? Não devia, antes, ter conduzido aquele homem até Àquele que Pascal chama o Deus de Abraão, de Isaac, de Jacob e de Jesus? Àquele Deus com quem se pode falar e tratar por tu? Em quem podemos confiar? A quem podemos rezar?

23. Era tarde. Na manhã seguinte devia partir dali. Não pude, como queria, permanecer ali mais tempo, entrar na fábrica em que trabalhava aquele homem, tornar-me seu companheiro, conviver com ele, ganhar dia-a-dia a sua confiança, ajudá-lo a percorrer comigo o caminho da criatura que *aceita* a criação. A hipótese «Deus» não serve para nada. Não nos faz falta nenhuma. Faz-nos falta o Deus de Abraão, de Isaac, de Jacob e de Jesus, o Deus que caminha connosco, que guia o nosso «cestinho» de bebé através das águas e das poeiras do deserto. É aqui e assim que começa a arder a chama viva da nossa esperança.

---

*Intervenção de D. António Couto, Bispo de Lamego, no âmbito da conferência “Quaresma: Tempo de Renovação, Encontro e Esperança”, organizada pela Pastoral da Cultura da Arquidiocese de Braga, com o apoio da Irmandade de Santa Cruz e o Conservatório de Música Calouste Gulbenkian (28 de março de 2025)*